



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Metalinguagem como estratégia argumentativa em textos digitais

Metalanguage as argumentative strategy in digital texts

Roberlei Alves Bertucci^a

^a Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil - bertucci@utfpr.edu.br

Palavras-chave:

Metalinguagem;
Argumentação; Textos
digitais.

Keywords:

Metalanguage;
Argumentation;
Textos digitais.

Resumo: Neste trabalho, o objetivo é analisar o papel de recursos metalinguísticos em textos do “jornal” A Capa, uma página do Facebook caracterizada por textos multimodais, com função de provocar uma reflexão no leitor. Apoiados nas discussões sobre conhecimento linguístico apresentadas por Culioli e Normand (2005), defendemos que a metalinguagem é uma operação racional e consciente sobre a linguagem. Vamos assumir que ela tem relação direta com o argumento de identidade, proposto por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), já que lança mão de definições ou classificações relativas à linguagem. A partir da análise de exemplares d’A Capa, argumentamos que, ali, a metalinguagem, de fato, se configura como uma estratégia argumentativa importante, capaz de direcionar o leitor para a conclusão desejada pelo “jornal sem jornal”.

Abstract: In this work, we aim to analyze metalinguistic resources in digital texts posted by A Capa “newspaper”, a Facebook page which posts multimodal texts, triggering readers’ reflections about daily subjects. Based on Culioli and Normand’s (2005) discussions on language knowledge, we argue that metalanguage is a rational and conscient activity. We assume that it is directly related to identity argument, proposed by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), since it appears under expressions of definition or classification about language. By analyzing A Capa posts we argue that metalanguage is indeed an important argumentative strategy, which can drive reader to the conclusion intended by the “newspaper without newspaper”.



INTRODUÇÃO: LINGUAGEM, TECNOLOGIA E REDES SOCIAIS

Toda sociedade se modifica naturalmente, dadas as condições de desenvolvimento e estruturação que lhe envolvem e, por isso, é inegável que o conhecimento tecnológico modifica o modo de agir e de pensar nas culturas: à medida que equipamentos são desenvolvidos (o microscópio, por exemplo), novos objetos de estudo passam a fazer parte do cotidiano científico daquele povo (o estudo de micro-organismos, por exemplo). Por isso, Cupani (2016) revela que a tecnologia pode, sim, influenciar o modo de pensar e os resultados das pesquisas em diferentes ambientes. Sem dúvida, a tecnologia é um tema e uma área que envolve a vida de todas as sociedades pois, como afirma Cupani (2016, p. 9), “a tecnologia nos afeta e desafia qualquer que seja nossa atividade”.

Por isso, a inter-relação entre linguagem e tecnologia pode trazer perguntas (problemas) como: por que e para quê serviriam os diferentes dispositivos criados? Ou ainda antes disso: o que permite que o homem desenvolva tais artefatos?

Uma possível resposta para esta última pergunta parece ser a relação entre tecnologia e planificação: como uma criação tem um objetivo, o artefato precisa ser refletido. Por isso, a noção de planificação ganha destaque nessa perspectiva. De modo similar, Vieira Pinto (2005) argumenta que o planejamento é inerente à tecnologia; por outro lado, pode-se acrescentar a isso o fato de que é a linguagem a facilitadora desse simbolismo (abstração) específico, capaz de permitir o planejamento e, conseqüentemente, a realização do artefato.

Diferentemente dos animais, o homem teria um *sistema simbólico*, que lhe ofereceu condições de superar dimensões mais próximas e desejar, planejar e até mesmo realizar outras, trazendo-as à dimensão real (CASSIRER, 1979). Nesse sentido, portanto, a linguagem exerceu um papel decisivo, já que assume o papel de modeladora dessa capacidade.

Pode-se dizer que é graças a essa capacidade que as inovações modificam o ambiente humano. Barton e Lee (2015) consideram que toda mudança tecnológica causa alguma mudança na vida social; ou seja, à medida que novas técnicas, processos e produtos aparecem, a vida das pessoas se modifica. Como a linguagem é parte essencial no processo, não podemos desconsiderar a relação plena entre texto/linguagem e tecnologias: linguagem

modificando práticas sociais (e tecnológicas) e tecnologias modificando/influenciando práticas linguística.

Assim, para esses autores, “o mundo está cada vez mais mediado pelo texto e a web é parte essencial dessa mediação” (BARTON e LEE, 2015, p. 29). Sendo assim, não apenas se constata um espaço de circulação textual mais abrangente e mais ubíquo, como também se verifica a necessidade de um estudo mais específico sobre a mobilização dos recursos linguísticos utilizados para as práticas linguageiras nesse ambiente, o que é, sem dúvida, um desafio para os estudos em linguagens.

Nesse sentido, as redes sociais, veiculadas pelas tecnologias de informação e comunicação, se mostram como um ambiente de intensificação de tais práticas – o Facebook, por exemplo, tem um crescimento de 13% ano a ano no número de usuários, o que, por consequência, aumenta o número de trocas linguísticas.¹ Isso faz com que não se possa ignorar o impacto que tais redes têm na vida das pessoas, nem em seus modos de produção e circulação de conteúdo. De modo mais específico, essas redes modificam algumas relações sociais (criam grupos de interesse, por exemplo), modificam o modo como os seres humanos se apropriam das tecnologias (um telefone, meio de comunicação, pode gravar algo para uma denúncia ser feita em uma rede social, por exemplo), além de apresentar algumas especificidades linguísticas (o modo de escrita nas redes pode diferir de outros lugares de escrita, por exemplo).

Isso tudo justifica o trabalho que aqui se apresenta, uma vez que a forma como se dão as práticas linguageiras nesse ambiente é diferente da conversa presencial. Assim, se, como afirma Recuero (2012, p. 28), “num diálogo, tudo é informação: elementos prosódicos (como o tom da voz, a entonação e as pausas da fala), elementos gestuais e, evidentemente, as palavras”, no ambiente virtual todos os outros sinais semiotizados precisam ser lidos, a fim de que o leitor construa os sentidos ali presentes. Nesse sentido, a navegação e interação no meio digital, pela complexidade da convergência de diferentes semioses, são diferentes também da interação puramente escrita.

Tendo isso em vista, analisamos, neste trabalho, características de algumas publicações d’A Capa, uma página do Facebook em que se “ilustram”, com humor e crítica, notícias de destaque na imprensa. Por isso, seu slogan é “A capa que você não vê no jornal que você lê”. Nosso objetivo é verificar, sobretudo, com que finalidade os recursos metalinguísticos são mobilizados ali. A partir

¹ Disponível em: <https://zephoria.com/top-15-valuable-facebook-statistics/>. Acesso em: 15 maio 2018.

da proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), defenderemos que eles têm a função de contribuir para o caminho argumentativo proposto no texto. A seguir, destacamos os aspectos multimodais e metalinguísticos, os quais serão analisados nas capas selecionadas.

1. MULTIMODALIDADE E ASPECTOS METALINGUÍSTICOS

1.1. MULTIMODALIDADE

Como dissemos, as redes sociais se configuram como um espaço amplo e cada vez mais intenso de práticas linguageiras. Igualmente importante é o fato de que, nesse ambiente, manifestam-se gêneros textuais “relativamente instáveis ou rapidamente mutáveis” (como os memes ou menes), ainda que conservem alguns padrões nos diferentes exemplares. De certo modo, poderíamos dizer que os textos d’A Capa também se configuram como algo relativamente novo: ainda que autodenominados de “capa”, têm um caráter ilustrativo, muito próximo de uma charge. No entanto, independentemente do rótulo, sua multimodalidade se apresenta como um aspecto essencial para a interpretação.

Vamos assumir aqui que os gêneros são os modos como se manifestam as ações de interação humanas. Por isso, essas manifestações são sempre semiotizadas, ou seja, compostas por texto, imagem, ícones etc. No meio digital, essa semiotização múltipla qualifica o texto hipertextual (XAVIER, 2013), ressaltando as possibilidades de multimodalidade que o texto impresso/escrito/digital permite. Aliás, as pesquisas relacionadas às estratégias de marketing nas redes sociais garantem que as imagens são mais relevantes nesse ambiente, porque têm uma maior capacidade de engajamento.²

Para Lemke (2002), o texto visual exige um “design” específico, capaz de atrair o leitor de forma rápida e intensa, o que faz com que os seres humanos se sintam atraídos por textos ilustrados. No entanto, para o autor, todo texto é necessariamente “multimodal”, porque nunca envolve apenas um tipo de signo: é sempre preciso combinar elementos (tom da voz e o que foi dito, por exemplo) para se interpretar de forma eficaz um determinado texto.

Dando ênfase à relação que chama de “hipermodal” – diretamente relacionada às múltiplas modalidades possíveis em um hipertexto – o autor defende que há uma integração entre texto e

² Disponível em: <https://cristianethiel.com.br/2018/03/13/marketing-visual-qual-a-importancia-das-imagens/>. Acesso em: 15 maio 2018.

imagem e, acima de tudo, que essa relação é dada paradigmaticamente: para cada texto e para cada imagem há inúmeras possibilidades de combinação, sendo que a escolha de uma junção específica “é uma seleção possível no universo de várias” (LEMKE, 2002, p. 303). Por outro lado, essa afirmação do autor nos leva a considerar que, ao tratarmos de textos multimodais, precisamos focar, sobretudo, na relação sintagmática que estabelece entre si, ou seja, no modo como se produziu sentido com aquela combinação (escolhida e organizada pelo autor).

Isso nos leva a argumentar que a interpretação repleta de relações semióticas, como é o caso d’A Capa, é resultado de uma escolha entre muitas possíveis, mas que levam o leitor a construir sentidos específicos a partir das possibilidades que ele mesmo reconhece. Nesse sentido, Lemke (2002, p. 305) defende que “a interpretação semiótica é feita de forma e iteração”, de modo que há um reconhecimento de padrões, um processamento das fontes e uma relação lógica entre tudo isso. Assim, o que já se conhece exerce uma força básica de interpretação para o que é novo. E isso é plenamente justificado no já mencionado slogan da página, o qual reitera que o papel da publicação não é indicar uma notícia (porque o leitor já leu em algum jornal), mas elaborar uma capa que a ilustra de forma única (a capa que não vê no jornal lido).

Dessa forma, assumimos com Lemke (2002) que a comunicação visual é tão poderosa que não pode apenas servir para ilustrar o texto, senão para compor com ele um texto único, repleto de possibilidades de composição e interpretação. Para o autor, essa composição é capaz de produzir significados inovadores e mais críticos, o que, certamente, é o resultado do projeto A Capa. Aqui, consideraremos a interpretação dos padrões e as relações que os itens adquirem no texto multimodal.

1.2. LINGUAGEM E METALINGUAGEM

Como modo de ação no mundo, a linguagem tem um papel fundamental nas relações humanas e, por consequência, na maneira como os seres humanos atuam sobre o mundo. Por suas propriedades de abstração – falamos de ontem, hoje, amanhã; daquilo que existe ou não –, ela se constituiu como um meio necessário para o desenvolvimento das sociedades, sobretudo em seus aspectos tecnológicos (VIEIRA PINTO, 2005).

Para Aurox (2014), essa abstração e esse desenvolvimento acabaram por alcançar a ela própria: primeiro, a escrita, como primeira grande revolução tecnolinguística, deu origem à cultura letrada, imprescindível em nossos dias; depois, a gramatização, como segunda revolução, possibilitou que a língua fosse, ela mesma, objeto de reflexão científica. É neste contexto que surgem as questões metalinguísticas de modo mais frequente: especialmente com a linguística, passou-se a uma investigar as origens da linguagem, seus modos de aquisição e desenvolvimento, bem como suas possibilidades de uso no cotidiano. Neste trabalho, vamos focar o uso da metalinguagem como recurso de construção textual, defendendo que ela é uma estratégia importante na construção de uma tese.

Franchi (1992, p. 25) defende que a linguagem tem uma função que vai além da comunicação, sendo instrumento vital para a racionalidade humana: “a função de comunicar não é a função única, nem mesmo a função essencial da linguagem: ela permite antes a reflexão e o pensamento.” Assim, podemos dizer que, ao tomar a linguagem como instrumento essencial para suas abstrações, o homem é capaz de agir por meio dela. Por isso, neste trabalho, vamos assumir a linguagem como um instrumento humano de ação sobre o mundo e as pessoas. E, ao tomarmos a argumentatividade como uma característica intrínseca às línguas naturais e que, por isso, perpassa todos os discursos (KOCH, 2011; PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2014; FIORIN, 2017), vamos considerar que a ação linguística do homem se dá primordialmente pela argumentação. Ao escolher expressões específicas para desenvolver seus raciocínios, o ser humano orienta seu discurso para determinado fim. Nesse sentido, pode-se afirmar que todo falante nativo tem a capacidade de escolher expressões adequadas aos objetivos que pretende em uma dada situação de interação do cotidiano.³ A essa capacidade de uso linguístico adequado no cotidiano Antoine Culioli denomina *epilinguismo*, sendo esta a capacidade racional do falante de utilizar fluentemente sua língua, sem que precise refletir sobre cada uma de suas estruturas: uma vez adquirida, a habilidade é natural (CULIOLI e NORMAND, 2005).

Por outro lado, a linguagem (ou discurso) que conduz as interações pode ser estudada, classificada, rotulada, explicada: é o aspecto *metalinguístico* que ressalta aqui. Para Culioli e Normand (2005), o conhecimento metalinguístico faz parte da racionalidade do pesquisador, o qual busca nos vestígios da linguagem o conhecimento intrínseco ao falante (epilinguístico) e tenta sistematizar esse conhecimento (metalinguístico). Por isso, ao comentar a obra dos autores, Romero (2011, p. 193)

³ Salvo incapacidade de saúde, como afasias em geral, ou exigência de gêneros específicos, como uma defesa num tribunal, por exemplo, que requerem um conhecimento maior.

dirá que o raciocínio metalinguístico consiste em uma “representação-simulação” do que se passa na fonte, ou seja, no conhecimento epilinguístico do falante.

No Brasil, Franchi (1992)⁴ discutiu a importância de se considerar a linguagem como uma atividade constitutiva em que a racionalidade do falante, ou seja, sua atividade epilinguística, seja primordial para o entendimento de seus processos. Nesse sentido, o autor considera que é preciso levar em conta os conhecimentos gramaticais internos do falante se se quer desenvolver competências linguísticas específicas.

Bagno (2015) apresenta diversos significados para a preposição *meta*, usada como prefixo em *metalinguagem*. Percebemos, aqui, como o autor faz uso de um recurso metalinguístico, mais especificamente a etimologia, para explicar o que podemos entender por esse termo:

A preposição grega *metá*, usada na formação dessa e de tantas outras palavras, tem diversos sentidos possíveis (como é próprio das preposições), e um deles é o sentido de algo que está “do outro lado de”, “para além de”. É o sentido presente, por exemplo, na palavra *metafísica*: aquilo que está “além da física” (lembrando que *physis*, em grego, designava o que chamamos de “natureza”) (BAGNO, 2015, p. 206).

Por isso, o autor afirma que a metalinguagem é, em essência, um estudo *sobre* a língua, sem que, necessariamente, o estudioso saiba essa língua (é o caso de um linguista que estuda uma língua que pouco conhece, mas procura sistematizá-la). De forma similar, Bagno (2015, p. 214) utiliza o recurso metalinguístico para explicar o que é *epilinguagem*.

A preposição grega *epi* tem, entre muitos outros sentidos, o de “por cima de, sobre, acima de”. A palavra *bispo*, por exemplo, provém do grego *episcopos*, formado de *epi-* e do verbo *skopeo* (“olhar atentamente, observar, considerar”) – o bispo, portanto, é aquele que “olha por cima [do rebanho]”, aquele que “vigia” a comunidade de fiéis. A *epilinguagem* é, então, uma linguagem que está “por cima” da linguagem, agindo diretamente nela, e não “para além” dela, como a metalinguagem.

Bagno (2015, p. 214) acrescenta ainda que “as atividades epilinguísticas têm caráter espontâneo e intuitivo”, o que revela sua adesão à proposta de Culioli (ainda que não cite o autor explicitamente). Aqui, podemos perceber como o autor utiliza o significado etimológico como argumento para ressaltar a importância da epilinguagem em detrimento da metalinguagem, especialmente no que diz

⁴ A revista traz como data de primeira publicação do artigo em 1977 (Almanaque (5), São Paulo: Brasiliense, p. 9-26) – Franchi (1992, p. 9).

respeito ao ensino. É essa estratégia retórica, de argumentar por meio da metalinguagem, que vamos defender neste trabalho.

Tomando por base as noções apresentadas, especialmente a proposta de Culioli, vamos definir *metalinguagem* como a operação racional e consciente sobre a linguagem, quer feita por um pesquisador, quer pelo próprio falante. Com isso, não consideramos que seja, necessariamente, um “estudo sobre a linguagem”, mas uma tentativa de racionalizá-la, organizá-la. Assim, tanto as classificações dos elementos linguísticos por um pesquisador quanto a descrição de operações linguísticas são exemplos de metalinguagem. Da mesma forma, ao utilizar expressões que remetem à linguagem em si, vamos considerar que o falante tem consciência da orientação que dá para o ouvinte com relação a um item da língua. Nesse sentido, expressões tais como *ou seja, isto é* ou *quer dizer* são exemplos de modos de reformulação consciente do conteúdo linguístico apresentado pelo falante. Nosso foco, no entanto, será no emprego metalinguístico sobre as expressões utilizadas, na composição dos textos d’A Capa.

Assim, vamos considerar que os textos produzidos são produtos linguísticos, fruto da capacidade epilinguística dos falantes. No entanto, vamos defender que a metalinguagem, quando empregada nos textos, tem um papel importante na orientação argumentativa.

Nesse caso, o falante faz uso de um conhecimento além da língua (metalinguístico) para produzir um efeito discursivo pela própria língua (no texto). Por isso, podemos dizer que a gramatização passa a ser um recurso importante no processo, o que vai ao encontro da reflexão de Auroux (2014), para quem o saber metalinguístico é tripartite: o primeiro ligado à capacidade de expressão das ideias; o segundo à compreensão da própria língua em relação a outras; e o terceiro a capacidade de desenvolver técnicas e práticas letradas, ou seja, de escrita.

Ao desenvolvermos a seção de análise, queremos responder a seguinte pergunta: de que modo a reflexão sobre a língua, ou seja, a metalinguagem, pode ser um instrumento de construção argumentativa nos textos? Nossa hipótese é de que o uso da metalinguagem se constitui um argumento de identidade, de modo que o autor pretende orientar o discurso para sua tese por meio da identificação entre um fato e a questão metalinguística tratada. Assim, cabe, antes, discutir algumas questões de argumentação.

2. ARGUMENTAÇÃO

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 16) argumentam que, ao contrário da demonstração, baseada em deduções lógicas, sujeitos axiomas são postulados sem discussão de origem, a “argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”. Nesse sentido, aquele que postula uma tese tem como papel fundamental defendê-la sempre em relação a outras possibilidades (o que não deve ocorrer na demonstração), ou seja, é preciso “se debater sobre uma questão determinada”, colocada como problemática nessa comunidade. Isso deve ser feito, sobretudo, com elementos capazes de convencer o auditório a que se dirige.

Apesar de afastarem qualquer possibilidade de relação unívoca entre palavra e ideia, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) ressaltam o valor das noções aplicadas numa argumentação. Para eles, a elaboração e a utilização delas no discurso servem como modo de construir teorias e interpretar a realidade (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014). É nesse íterim que a linguagem se faz essencial, porque “não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, de persuasão”. (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 149-150). É por isso que, como dissemos, diferentes autores vão concordar que a argumentatividade perpassa toda atividade linguística (KOCH, 2011; FIORIN, 2017).⁵

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 211-212) destacam a importância da maleabilidade interpretativa de eventos pautados pela argumentatividade, fato este que não está atrelado somente à vagueza presente na linguagem.

Para discernir um esquema argumentativo, somos obrigados a interpretar as palavras do orador, a suprir os elos faltantes, o que nunca deixa de apresentar riscos. Com efeito, afirmar que o pensamento real do orador e de seus ouvintes é conforme ao que acabamos de discernir não passa de uma hipótese mais ou menos provável. O mais das vezes, aliás, percebemos simultaneamente mais de uma forma de conceber a estrutura de um argumento.

Assim, parece que a eficácia de um determinado argumento passa fundamentalmente pelo caminho retórico que o orador consegue instruir o ouvinte a realizar. E, como cada ouvinte no auditório faz seu próprio discernimento, o argumento pode ser mais ou menos válido, individualmente falando.

⁵ Cavalcanti (2018) discorda da afirmação de que todo texto é argumentativo (ou majoritariamente, pelo menos), porque é a composição das sequências que o rotularia. No entanto, pode-se dizer que todo texto TEM esquemas argumentativos, porque cada escolha feita pelo autor parte de possibilidades que ele vai julgar as melhores, mais convincentes, mais aptas a construir o texto naquele dado momento. Nesse sentido, a afirmação da autora nos parece bastante verdadeira, ainda que não seja nosso propósito entrar nos detalhes dessa questão neste trabalho.

Aliás, os próprios autores ressaltam que o ouvinte estipula novos argumentos o tempo todo, ainda que de forma silenciosa, o que certamente, altera a força argumentativa.

A afirmação dos autores, no entanto, também nos ajudará na proposição de que a estrutura dos argumentos utilizados nos textos d'A Capa são do tipo “quase-lógicos”, de acordo com a própria classificação deles. Parece-nos claro que se abre, assim, um espaço para se entender que o próprio leitor faça seu discernimento particular, considerando, inclusive, seu conhecimento dos elementos utilizados. Nesse sentido, nosso discernimento nos levou a concluir que a metalinguagem é uma estratégia argumentativa relacionada ao argumento de identidade.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) apresentam alguns esquemas argumentativos, propondo uma ampla classificação de tipos vinculados à atividade persuasiva. Por razões de espaço, não poderemos tratar de todas elas e vamos focar naquela que acreditamos estar ligada aos recursos metalinguísticos.⁶

O argumento de identidade pertence ao grupo dos “quase-lógicos”. Para os autores, esse grupo apresenta esquemas que se pretendem persuasivos, por serem semelhantes aos argumentos lógicos, já que baseados em relações formais têm “uma aparência demonstrativa” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA (2014, p. 219).

Os autores defendem que esse tipo de argumento visa a uma identificação de elementos que fazem parte do evento discursivo, o que pode ser observado em diferentes recursos indutivos. Dizem eles que “todo uso de conceitos, toda aplicação de uma classificação, todo recurso à indução implica uma redução de certos elementos ao que neles há de idêntico ou de intercambiável”. (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 238). Nesse sentido, assumem que as definições são o meio mais claro de criação de identificações: há uma relação lógica estabelecida por ela, que iguala A e B ($A=B$), sendo A o definido e B o definidor.

Desafiados pela proposta de Stuart Mill de que a significação das palavras seria totalmente arbitrária, os autores contra-argumentam que as definições não só são mutáveis, motivadas por uma série de fatores a serem repensadas, como há uma série de raciocínios, inclusive nas obras de Mill que visam a justificar, a refletir, a argumentar a favor de um ou outro tipo de definição. Por isso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 241-242) alegam que o caráter argumentativo das definições

⁶ Para leitores brasileiros, Wachowicz (2010) e Fiorin (2017) são boas indicações para discussão e aplicação dos modelos propostos por Perelman e Olbrechts-Tyteca.

(...) fica patente quando estamos em presença de definições variadas de um mesmo termo de uma linguagem natural (ou mesmo de termos considerados equivalentes em diferentes línguas naturais). (...) se apresenta sempre sob dois aspectos intimamente ligados, mas que, não obstante, é preciso distinguir, porque concernem a duas fases do raciocínio: as definições podem ser justificadas, valorizadas, com a ajuda de argumentos; elas próprias são argumentos. Sua justificação poderá fazer-se pelos mais diversos meios: um recorrerá à etimologia, o outro proporá substituir uma definição pelas consequências por uma definição pelas condições ou vice-versa. Mas todos aqueles que argumentam a favor de uma definição quererão que esta influa, de um modo ou de outro, sobre o uso da noção que, sem a intervenção deles, estaríamos inclinados a adotar, sobretudo sobre as relações da noção com o conjunto do sistema de pensamento (...)

Com isso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) reconhecem que as definições são uma estratégia importante na constituição do percurso argumentativo do ouvinte, porque, ou valoram uma noção em detrimento de outra(s), ou são elas mesmas argumentos. Sem a construção do orador, no entanto, o ouvinte poderia não ser levado a esse discernimento.

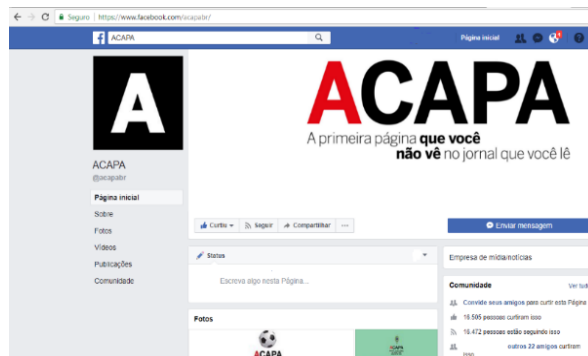
Neste trabalho, queremos acrescentar que o uso dos recursos metalinguísticos, em geral, pode ser associado ao argumento de identidade. Vamos assumir que as estratégias de definição, classificação ou mesmo o emprego de elementos relacionados à metalinguagem (discussão de pontuação, ortografia e elementos gramaticais em geral) são utilizados com a função de influenciar o discernimento pretendido pelo orador na composição de seu percurso argumentativo.

A partir dos dados selecionados para análise, vamos defender que o uso de recursos metalinguísticos na composição das publicações feitas em A Capa está vinculado ao efeito argumentativo exposto pelo “jornal sem jornal”. Mais especificamente, vamos defender que a metalinguagem aparece como uma possibilidade de articular uma noção linguística específica (atrelada a um item da língua) a um evento no mundo, construindo algum tipo de “identificação” entre os elementos ali associados. Deixaremos em aberto, no entanto, a análise completa das estratégias argumentativas e os efeitos produzidos por A Capa, já que nosso foco se volta para os efeitos do recurso metalinguístico ali presente. Por isso, ainda que possa haver outros argumentos presentes, não serão analisados. Passemos à análise dos textos.

3. RECURSOS METALINGUÍSTICO EMPREGADOS EM TEXTOS D’A CAPA

Fundada em 29 de março de 2016, a página d'A Capa no Facebook (Figura 1) conta com cerca de 16.500 curtidas e seguidores.⁷ Com o slogan “A primeira página que você não vê no jornal que você lê”, propõe-se a apresentar ilustrações comentadas (em sua maioria) para fatos relevantes do noticiário, sempre com um teor crítico e humorístico.

Fig. 1 - Página inicial d'A Capa.



FONTE: A Capa

Rubbo (2017) descreve que “a iniciativa [do projeto d'A Capa] nasceu da ideia de oito jornalistas, designers e ilustradores de fazer jornalismo de forma disruptiva.” Ou seja, a intenção era criar algo inovador e de impacto, diferentemente do que ocorre nas capas de jornais tradicionais. Fabrício Cardoso, um dos idealizadores, em entrevista para Rubbo (2017), afirma que a motivação para desenvolver o projeto foi justamente “lançar um ‘jornal sem jornal’, com mais liberdade de criação, pois entendemos que essa linguagem pode oferecer muito conteúdo, análises profundas e de mais impacto.” Nesse sentido, a proposta vai ao encontro da perspectiva de Lemke (2002), para quem a multimodalidade enriquece as possibilidades de construção e interpretação textual, tal como descrevemos anteriormente.

Para o presente trabalho, como o foco é descrever o papel dos recursos metalinguísticos presentes n'A Capa, tomamos três publicações para tecer nossa análise, as quais, acreditamos, ilustram bem a tese de que esses recursos são estratégias argumentativas importantes. Nossa hipótese, como já dissemos, é de que eles podem ser associados ao tipo “argumento de identidade”. Passamos para a análise das três capas.

3.1. A CAPA: 25 DE ABRIL DE 2016⁸

⁷ Dados da página no Facebook (www.facebook.com/acapabr/). Acesso: 18. Maio. 2018.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr/posts/616289371854041:0>. Acesso em 17 de maio de 2018.

Nesta edição (Figura 2), o “jornal sem jornal” critica a cusparada do deputado Jean Willys em direção a Jair Bolsonaro, numa reação a ofensas que lhe foram dirigidas no plenário da Câmara. À época, o fato foi amplamente comentado e chegou a ser levado ao Conselho de Ética da casa.

Fig. 2 - A Capa de 25 de abril de 2016.



FONTE: A Capa

Aqui, A Capa analisa o tema como um exemplo da intolerância que circunda diferentes grupos no Brasil, que resulta em diferentes tipos de agressões e reações. Assim, a publicação escapa à rotulação de “meramente ilustrativa” e provoca os leitores na defesa de uma tese que nos parece clara: qualquer tipo de ofensa ou agressão não se justifica, sobretudo porque substitui o debate, a discussão de ideias por meio de argumentos sérios, convincentes e capazes de sustentar um determinado ponto de vista.

Para a defesa dessa tese, A Capa utiliza da junção de elementos verbais e não verbais. Estes se caracterizam, sobretudo, pela representação do pingo que se forma abaixo, mas que é decorrente do próprio pingo (ponto) de separação silábica da palavra ‘cuspir’, item mais proeminente na publicação. Aliado a essa noção do líquido que dali escorre, temos a configuração da capa como um

exemplo de entrada de dicionário: uma palavra específica, que possui divisão silábica (cus.pir), classe gramatical (verbo “intransigente”) e definições, exemplos etc. Embora construída por analogia, o emprego desse recurso metalinguístico é bastante persuasivo por diversas razões.

Um fato importante é que o leitor que recorre a seus conhecimentos metalinguísticos, sabe que não existe, na classificação verbal, o tipo de verbo “intransigente”, mas a semelhança com “intransitivo” constrói a identificação entre a classe e a opinião de que o fato (a cusparada) revela a intolerância (intransigência) das partes.

De forma semelhante, as classificações de participípio e de ortografia revelam a relação entre o que aconteceu (fato) e a tese defendida. No último caso, a ortografia sequer é levada em conta, já que é preterida pelo significado de ‘cuspir’ apresentado no item 1: “lançar saliva em quem pensa diferente de você”.

Como se vê, a articulação e a analogia com elementos metalinguísticos é um recurso importante. Na proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), influenciam o discernimento pretendido pelo orador na composição de seu percurso argumentativo.

3.2. A CAPA: 31 DE AGOSTO DE 2016⁹

Nesta edição (Figura 3), A Capa faz uma publicação a respeito da queda de Dilma Rousseff e a chegada de Michel Temer à presidência. Para tratar do assunto, novamente a página utiliza recursos metalinguísticos na construção do caminho argumentativo. Diferentemente da publicação anterior, aqui é importante comentar também o texto de apresentação, exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Texto de apresentação da publicação de 31 de agosto de 2016. Fonte: A Capa

ACAPA - 31 de agosto de 2016 · Editado ·

Ora, direis que **ACAPA** das 22h45 desta fatídica quarta-feira, 31 de agosto de 2016, dá adeus a tudo. Na realidade o jornal sem jornal, como um temer empregado no sentido de encorajar, apenas conjuga os devidos verbos para que o leitor do futuro não esqueça de um tempo em que o país embrulhou o passado para presente. — com Dilma Rousseff.

O próprio texto de apresentação já estabelece um jogo de expressões para provocar a reflexão do leitor sobre o tema. A contradição presente no trecho “o jornal sem jornal, como um temer no

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr/posts/676973399118971>. Acesso em 17 de maio de 2018.

sentido de encorajar” revela a crítica à mudança presidencial, reforçada por expressões como “fatídica” ou mesmo “embrulhar o passado para presente”. Na apresentação, o uso de questões metalinguísticas como “conjugar os devidos verbos” ou o trocadilho entre “futuro”, “passado” e “presente” provocam o leitor a respeito da tese defendida: a mudança presidencial foi um erro.

Fig. 3 - A Capa de 31 de agosto de 2016.



FONTE: A Capa

Na publicação, especificamente, o ponto alto é a homonímia de “fora”, apresentada, muito provavelmente, como interjeição no caso de Temer (já que a expressão “Fora Temer” era muito usada pelos partidários da ex-presidenta) e como o pretérito mais-que-perfeito de “ser” no caso de Dilma.

Esse caso revela um ponto importante na teoria argumentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), apresentada antes: a de que o ouvinte é parte da construção argumentativa do discurso do orador. Aqui, por exemplo, ignorar a possibilidade de “fora” ser uma forma verbal poderia levar o leitor a assumir que “o jornal sem jornal” estaria defendendo a retirada de ambos (Temer e Dilma), sobretudo pelo trecho na parte inferior da ilustração.

Este, aliás, é o último ponto de análise do texto em questão: no trecho inferior, novamente, recorre-se a elementos relacionados à classificação de tempos verbais (imperfeito, pretérito e futuro) para criticar que o impeachment não deveria ser encarado como uma mudança para melhor (no futuro), mas que era apenas a transferência de algo ruim do passado para o futuro (provavelmente a volta de um modelo de governo anterior à era petista).

Assim como na publicação anterior, aqui fica evidenciado que o uso de definições e classificações advindas do conhecimento gramatical (metalinguístico) é uma estratégia importante para o caminho persuasivo. São um meio eficaz de construir o discurso e direcionar o ouvinte para o posicionamento estabelecido, ainda que ele possa discordar da retórica ali empregada (tal como nos apontam Perelman e Olbrechts-Tyteca).

3.3. A CAPA: 15 DE MAIO DE 2018¹⁰

Similarmente à última análise, nesta edição (Figura 4), A Capa faz uma publicação a respeito de Temer, mais especificamente sobre seu governo. Também aqui é importante trazer o texto de apresentação.

Quadro 2 – Texto de apresentação da publicação de 15 de maio de 2018. Fonte: A Capa

ACAPA - 15 de maio às 16:28 ·
ACAPA das 17h de 15 de maio de 2018 retrata um governo fraco em pontuação, tanto em pesquisa de popularidade quanto em peça publicitária. "O Brasil de Volta, 20 anos em 2" concebe uma vírgula tão poderosa quanto um "João Comeu, Maria", coisa que o Planalto não soube fazer. O jornal sem jornal, como uma Publicidade com pretensões literárias, sabe que a verdade, por mais que tentem domá-la, sempre vem à tona pela escrita.

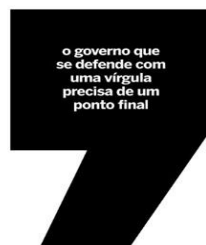
Assim como analisado antes, o texto de apresentação estabelece um jogo de expressões para criticar o desempenho do governo Temer. Aqui, há uma relação direta entre os baixos índices do governo (pontuação baixa) e a má aplicação da vírgula na peça publicitária que seria veiculada: nos dois casos, portanto, A Capa alega que o problema do governo é a “pontuação”.

A discussão a que essa capa se refere era sobre a posição da vírgula no slogan “O Brasil de Volta, 20 anos em 2”, em que a interpretação de que ele teria “voltado 20 anos no tempo em apenas 2 anos” seria, certamente, a mais destacada pelos críticos desse governo. Por isso, do ponto de vista

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr/posts/1015309375285370>. Acesso em 17 de maio de 2018.

argumentativo, ao criticar Temer, A Capa alega que “a verdade (...) sempre vem à tona pela escrita”, ou seja, o “jornal sem jornal” parece concordar com a referida interpretação. Nesse sentido, a publicação (Figura 4) revela uma perspicácia dos elaboradores em relacionar uma questão metalinguística (de pontuação) com a análise sobre o atual governo. A imagem, encabeçada pela foto do atual presidente, tem uma vírgula em seu centro, com os dizeres: “o governo que se defende com uma vírgula precisa de um ponto final”. Ao fazer a dissociação entre a função da vírgula e do ponto final, A Capa deixa clara sua posição contrária ao governo Temer. Faz isso recorrendo ao conhecimento metalinguístico do leitor de que a “vírgula” pode ser definida como “pausa breve” e o “ponto final” como “fim do período”.

Fig. 4 - A Capa de 15 de maio de 2018.



A PRIMEIRA PÁGINA QUE VOCÊ NÃO VÊ NO JORNAL QUE VOCÊ LÊ

FONTE: A Capa

Portanto, notam-se aqui dois pontos igualmente comentados em 3.2: primeiramente, os recursos metalinguísticos são um direcionamento do caminho persuasivo pretendido por A Capa; depois, o leitor precisa lançar mão de seus próprios conhecimentos metalinguísticos para construir esse percurso retórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centrados na importância do papel da metalinguagem em textos do ambiente digital, procuramos descrever e analisar o emprego desse tipo de recurso nos textos d'A Capa. Como usuários da plataforma em que são veiculadas as publicações, verificamos que eram comuns menções ou uso de recursos metalinguísticos em algumas publicações, mas não sabíamos exatamente de que forma elas eram articuladas na produção de sentido dos textos.

Ao pesquisar o “jornal sem jornal”, verificamos que seu caráter argumentativo sobre os temas do cotidiano poderia ser o caminho de análise para a função dos referidos recursos. Assim, decidimos tomar a proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), recorrente em estudos linguísticos no Brasil, como ponto de partida e encaminhamos a análise pelo viés dos esquemas argumentativos.

No presente trabalho, defendemos a utilização dos recursos metalinguísticos como uma estratégia argumentativa. Com relação às publicações analisadas, mais especificamente, argumentamos que são exemplares bastante claros daquilo que levantamos como hipótese anteriormente: de que os recursos metalinguísticos têm um caráter de argumento de identidade, relacionados a funções como definição ou classificação, servindo como estratégia persuasiva nos exemplares d'A Capa.

REFERÊNCIAS

A CAPA. Página do Facebook. Disponível em: www.facebook.com/acapabr. Acesso em: 19 de maio de 2018.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Trad. Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CAVALCANTI, Mônica Magalhães. Critérios textuais para uma análise argumentativa: referenciação e intertextualidade. Conferência proferida no IV Seminário Internacional de Estudos de Discurso e Argumentação, na Universidade de Buenos Aires, em 14 de março de 2018.

CASSIRER, E. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem*. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

- CULIOLI, Antoine; NORMAND, Claudine. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys, 2005.
- CUPANI, A. *Filosofia da tecnologia: um convite*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 22, p. 9-39, jan./jun. 1992.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LEMKE, Jay L. Travels in Hypermodality. *Visual Communication*, v. 1, n. 3, p. 299-325, 2002.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- ROMERO, Márcia. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.
- RUBBO, TÁCILA. *Com redação virtual, A Capa propõe reflexões sobre assuntos do cotidiano. 2017*. Publicada em: 03 jan. 2017. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/com-redacao-virtual-a-capa-propoe-reflexoes-sobre-assuntos-do-cotidiano/>. Acesso em: 19 de maio de 2018.
- VIEIRA PINTO, Á. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. *Análise linguística nos gêneros textuais*. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2010.
- XAVIER, Antonio Carlos. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. - Recife: Pipa Comunicação, 2013.

NOTAS DE AUTORIA

Roberlei Alves Bertucci (bertucci@utfpr.edu.br) é graduado em Letras Português-Inglês pela PUCPR (2004); mestre em Letras (Estudos Linguísticos) pela UFPR (2007) e doutor em Linguística pela USP (2011); fez doutorado-sanduíche na Université Paris 8 (2009-2010). Em 2012, desenvolveu a pesquisa de pós-doutorado na Bar-Ilan University, em Israel. Na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), tem pesquisado e

debatido diferentes processos gramaticais (formais) de produção de sentido em línguas naturais, como: sintaxe, semântica e pragmática das línguas naturais, em especial o português brasileiro; descrição e análise linguística nos domínios verbal e nominal, em especial por meio de ferramentas tecnológicas; e aplicação de fundamentos e descobertas linguísticas a ferramentas tecnológicas digitais.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

BERTUCCI, Roberlei Alves. Metalinguagem como estratégia argumentativa em textos digitais. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 209-228, 2019.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Fig. 1 - Página inicial d'A Capa. Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr>

Fig. 2 - A Capa de 25 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr>

Fig. 3 - A Capa de 31 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr>

Fig. 4 - A Capa de 15 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr>

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 05/09/2019

Aprovado em: 11/12/2019